

Adriana Archanjo

**BLOGS E REDES SOCIAIS: UMA ALTERNATIVA A
HEGEMONIA DA GRANDE MÍDIA**

Celacc/ECA-USP

2013

Adriana Archanjo

**BLOGS E REDES SOCIAIS: UMA ALTERNATIVA À
HEGEMONIA DA GRANDE MÍDIA**

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação
em Mídia, Informação e Cultura produzido sob a
orientação do Prof. Dr. Dennis de Oliveira.

Celacc/ECA-USP

2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais que há anos colaboram com o meu desenvolvimento intelectual, pessoal e profissional.

A cada um dos meus mestres por compartilhar seu conhecimento; à minha filha e meu amor por compreenderem minha busca pelo saber e por me inspirarem a querer alçar voos cada vez mais altos.

Especial gratidão ao meu orientador, Dennis de Oliveira, a professora Joana Rodrigues e aos demais docentes do Celacc pela paciência, dedicação e generosidade ao dividir comigo parte de seu patrimônio, acumulado ao longo dos anos na vida acadêmica.

Não poderia esquecer-me dos meus colegas de curso pela convivência e trocas no decorrer da especialização.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	08, 09, 10
2- SOCIEDADE INTERATIVA	11, 12, 13
2.1- CONTRAPODER	14, 15
3- MÍDIAS ALTERNATIVAS ONLINE	15, 16
3.1 ANÁLISE DO CASO GADDAFI	17, 18
3.2 ANÁLISE DO CASO PM NA USP	19, 20, 21, 22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23, 24, 25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26
WEBGRAFIA	27, 28, 29
ANEXOS	30

Blogs e redes sociais: uma alternativa a hegemonia das grandes mídias

Adriana Archanjo

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo mostrar a relevância dos blogs e redes sociais como alternativa a hegemonia das grandes mídias e até que ponto a mídia alternativa online faz apenas crítica/análise do que a mídia hegemônica produz ou se ela traz outras informações, ou seja, se produz conteúdo. Para tanto tem como metodologia a análise de conteúdo de mídia online alternativa e as compara com o material sobre o mesmo tema veiculado nos veículos da grande imprensa. Também foi analisado o impacto causado pelo compartilhamento do vídeo com imagens da morte do ditador libanês Muammar Gaddafi. O resultado desta investigação, associado à teoria pertinente, conclui que, os blogs e redes sociais fornecem ao consumidor contraponto ao que é divulgado pela mídia de massa.

Palavras-chave: Gaddafi, Líbia, USP, comunicação, redes sociais

ABSTRACT

This article aims to show the relevance of blogs and social networks as an alternative to the hegemony of the major media and the extent to which alternative media online is only criticism / analysis of what the mainstream media produces or if it brings other information, ie, content is produced. For this methodology to have as content analysis of online alternative media and compares with the material on the same theme conveyed in large media. We also analyzed the impact by sharing the video with images of the death of Libyan dictator Muammar Gaddafi. The result of this investigation, together with the relevant theory, concludes that blogs and social networks provide consumer counterpoint to what is reported by the mass media.

Keywords: Gaddafi, Libya, USP, communication, social networking

¹Graduada em jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo, atua como jornalista. Este artigo foi redigido como trabalho de conclusão de curso de pós-graduação lato sensu em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, organizado pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, da ECA/USP, no ano de 2013, sob orientação do Prof. Dr. Dennis de Oliveira.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo mostrar la importancia de los blogs y las redes sociales como una alternativa a la hegemonía de los grandes medios de comunicación y el grado en que los medios de comunicación alternativos en línea es única crítica / análisis de lo que producen los medios de comunicación o si trae otra información, es decir, El contenido se produjo. Para esta metodología para tener como análisis de contenido de medios de comunicación alternativos en línea y lo compara con el material sobre el mismo tema transportado en grandes medios de comunicación. También se analizó el impacto al compartir el video con las imágenes de la muerte del dictador libio Muammar Gaddafi. El resultado de esta investigación, junto con la teoría relevante, llega a la conclusión de que los blogs y las redes sociales proporcionan el contrapunto de los consumidores a lo reportado por los medios de comunicación.

Palabras clave: Gaddafi, Libia, USP, la comunicación, las redes sociales

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende mostrar a relevância dos blogs e redes sociais como alternativa a hegemonia das grandes mídias e de que forma estão contribuindo para disseminar várias versões dos fatos e ampliar o debate e a visão de mundo por meio dos temas tratados no jornalismo contemporâneo.

Pretende também questionar até que ponto a mídia alternativa faz apenas crítica/análise do que a mídia hegemônica produz ou se ela traz outras informações e se produz conteúdo.

Para tanto, utiliza como exemplos/objetos de estudo os seguintes materiais:

- 1- Vídeo do ex-ditador da Líbia Muammar Gaddafi, no momento de sua captura, em uma quinta-feira, 20 de outubro de 2011. Assassinado logo depois de ser encontrado escondido num cano de drenagem
- 2- *Notícia sobre a morte de Gaddafi divulgadas pela agência de notícias BBC Brasil*
- 3- *Textos dos blogs Maria Frô e Viomundo sobre a manifestação dos estudantes da USP contra a presença da PM no campus da Universidade*
- 4- *Notícias sobre a manifestação dos estudantes da USP nos jornais Folha de S. Paulo e Estado de S. Paulo*

O vídeo com a morte de Gadaffi foi produzido por meio de um celular e divulgado mundialmente nas redes sociais, contrapondo o que tinha sido publicado até então nos principais jornais do Brasil e do Mundo.

Já os blogs da *Maria Frô* e *Viomundo* apresentaram pluralidade de fontes para tratar sobre o episódio na USP, oferecendo diversos pontos de vista e versões do fato, confrontando assim a imagem que a opinião pública formou dos manifestantes através da mídia hegemônica.

O presente ensaio pretende ampliar o debate sobre até que ponto a mídia alternativa faz apenas uma crítica/análise do que a mídia hegemônica produz ou se traz outras informações e se produz conteúdo.

Os utilizadores de redes não são mais somente leitores–ouvintes–telespectadores inertes. Eles escrevem, falam, fotografam, filmam, comentam e analisam. Na verdade, explica Rosental C. Alves, diretor do Knight Center for Journalism in the Americas na Universidade do Texas, “o consumidor de informações deixou de ser passivo. Ele não se contenta mais em receber notícias preparadas e embaladas por outros. Ele quer também produzir conteúdos”. Orientamo-nos em direção de uma sociedade de prosumer, quer dizer, de “prodsumidores” (produtores- consumidores).

Um exemplo de conteúdo produzido pelos “prodsumidores” do qual fala Rosental C. Alves, é o vídeo com imagens que mostram o momento da captura do ex-ditador Muamar Gaddafi.

As circunstâncias que rodearam a morte do ditador líbio foram bastante repercutidas nas mídias sociais graças a um post no twitter em 20 de outubro de 2011.

Controverso, o episódio serviu para abalar ainda mais a credibilidade da mídia convencional, pois até então estava sendo divulgada a versão oficial propagada pelos grandes veículos de comunicação. Graças às imagens produzidas por um celular, outra versão dos fatos veio à tona.

Por sua vez, as redes sociais têm mostrado uma nova maneira de pensar e fazer jornalismo. Hoje, não é preciso buscar uma informação, ela chega até mim por meio dos compartilhamentos e as “curtidas” dos usuários das redes sociais.

Com apenas um curtir ou compartilhar é possível estender o alcance de notícias que estariam fadadas a invisibilidade se não fossem as ferramentas das novas mídias.

Graças a estas ferramentas, hoje, é possível que o usuário obtenha com mais facilidade acesso a meios alternativos de informação e várias versões sobre um mesmo fato.

Redes sociais como o Twitter conseguem dar visibilidade a assuntos que passam a ter destaque quando chegam, por exemplo, aos Trending Topics (TTs) – temas mais comentados do microblogue, já que, para alguns temas chegarem aos TTs é preciso muita mobilização e se exige um grande esforço, pondera Gabriela Zago, doutoranda em Comunicação e Informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisadora na área de cibercultura.

O Facebook já possui mais de 45 milhões de usuários ativos só no Brasil, sendo que metade acessa diariamente via dispositivos móveis. Ainda, são mais de 2 bilhões de

informações compartilhadas e publicadas em um único dia, além das fotos, que chegam a 250 milhões de novas imagens por dia.

O Brasil superou o Japão e se tornou o segundo país com maior número de usuários no Twitter. De acordo com um relatório da empresa SemioCast, a rede de microblog conta, atualmente, com 33,3 milhões de usuários brasileiros contra 29,9 milhões de japoneses. Os Estados Unidos aparecem na primeira colocação, com 107,7 milhões de usuários.

Os compartilhamentos de conteúdo nas redes sociais proporcionam maior visibilidade e maior alcance do conteúdo produzido por blogs alternativos como o *Maria Frô* e *Viomundo*, exemplos de produtores” do qual fala Rosental C. Alves.

A pesquisa é realizada por meio de análise de conteúdo e análise comparativa dos seguintes conteúdos:

- 1- Vídeo do ex-ditador da Líbia Muammar Gaddafi, no momento de sua captura, em uma quinta-feira, 20 de outubro de 2011. Assassinado logo depois de ser encontrado escondido num cano de drenagem
- 2- *Notícia sobre a morte de Gaddafi divulgadas pela agência de notícias BBC Brasil*
- 3- *Textos dos blogs Maria Frô e Viomundo sobre a manifestação dos estudantes da USP contra a presença da PM no campus da Universidade*
- 4- *Notícias sobre a manifestação dos estudantes da USP nos jornais Folha de S. Paulo e Estado de São Paulo*

O levantamento leva em conta o tratamento dado à determinada notícia pela mídia hegemônica e o tratamento dado à mesma notícia pelas mídias alternativas online.

2 SOCIEDADE INTERATIVA

As novas leis de comunicação e de informação na internet ainda estão à espera de definição. Mas uma coisa parece certa no momento na Web 2.0 (em breve, da web 3.0): não são mais os jornalistas que vão determiná-las, mas os internautas.

De acordo com Patricie Flichy, o aumento progressivo e importante do número de amadores anunciaria um movimento transformador de grande envergadura, principalmente no domínio da informação: “do mesmo modo que a democracia política dá o poder a cidadãos amplamente ignorantes sobre a coisa pública, a nova democratização se apoia em indivíduos que, graças a seu nível de educação e às novas ferramentas da informática, podem adquirir competências fundamentais”. (FLICHY, 2010 apud RAMONET, 2010: p.26)

Os utilizadores de redes não são mais somente leitores–ouvintes–telespectadores inertes. Eles escrevem, falam, fotografam, filmam, comentam e analisam. Na verdade, explica Rosental C. Alves, diretor do Knight Center for Journalism in the Americas na Universidade do Texas, “o consumidor de informações deixou de ser passivo. Ele não se contenta mais em receber notícias preparadas e embaladas por outros. Ele quer também produzir conteúdos”. Orientamo-nos em direção de uma sociedade de prosumer, quer dizer, de “prodsumidores” (produtores- consumidores)”¹.

Para Patrice Flichy (2010: p.25), especialista em inovação e técnicas de informação, o crescimento alucinante de amadores dá aos web-atores um potencial comunicacional até então desconhecido. A criação profissional coexiste com a criação amadora. É cada vez mais difícil diferenciar uma da outra.

Vemos surgir um novo tipo de indivíduo: o pro-am (profissional amador)” Ele desenvolve suas atividades amadoras segundo padrões profissionais. Ele deseja, no âmbito de lazeres ativos, solitários ou coletivos, reconquistar completamente partes da atividade social como as artes, a ciência e a política, que tradicionalmente são dominadas pelos profissionais. (FLICHY, 2010 apud RAMONET, 2010 : p. 25 e 26)

A integração potencial de texto, imagens e sons no mesmo sistema interagindo a partir de pontos múltiplos, no tempo escolhido (real ou atrasado) em uma rede global, em condições de acesso aberto e de preço acessível muda de forma fundamental o caráter da comunicação. E a comunicação decididamente molda a cultura porque como afirma Postman (POSTMAN, 1985 apud Castells, 1999: p. 414) “nós não vemos a realidade como ‘ela’ é, mas como são nossas linguagens.”

¹ Ver, no YouTube, a entrevista com Rosental Alves, MDLF Media Forum, em 9 de setembro de 2010.

E nossas linguagens são nossos meios de comunicação. Nossos meios de comunicação são nossas metáforas. Nossas metáforas criam o conteúdo de nossa cultura. Como a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo”. (POSTMAN, 1985 apud CASTELLS, 1999: p. 414)

Castells diz, no livro “A sociedade em rede” (São Paulo: Paz e Terra, 1999) que o surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação caracterizado pelo seu alcance global, integração de todos os meios de comunicação e interatividade potencial está mudando e mudará para sempre nossa cultura. Castells afirma que por meio da poderosa influência do novo sistema de comunicação, mediado por interesses sociais, políticas governamentais e estratégias de negócios, está surgindo uma nova cultura: a cultura da virtualidade real. (CASTELLS, 1999: p.439)

Ele explica que a internet é a espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores (CMC): é a rede que liga a maior parte das redes. Segundo fontes recolhidas por Vinton Cerf, em junho de 1999 a Internet conectava cerca de 63 milhões de computadores-servidores, 950 milhões de terminais telefônicos, 5 milhões de domínios do nível 2, 3,6 milhões de sítios da web, e era usada por 179 milhões de pessoas em mais de 200 países. (CERF, 1999, apud CASTELLS: p. 431)

A capacidade da rede das redes (a Rede) é tal que uma parte considerável das comunicações que acontecem na rede é, em geral, espontânea, não-organizada e diversificada em finalidade e adesão. Castells diz que, de fato, os interesses comerciais e governamentais são coincidentes quanto ao favorecimento da expansão do uso da rede: quanto maior a diversidade de mensagens e de participantes, mais alta será a massa crítica da rede e mais alto o valor. (ibidem, p. 439)

Para Castells, a coexistência pacífica de vários interesses e culturas na Rede tomou a forma da World Wide Web – WWW (Rede de Alcance Mundial), uma rede flexível formada por redes dentro da Internet onde instituições, empresas, associações e pessoas físicas criam os próprios sítios (sites), que servem de base para que todos os indivíduos com acesso possam produzir sua home page, feitas de colagens variadas de textos e imagens.

A Web propiciava agrupamentos de interesses e projetos na Rede, superando a busca caótica e demorada da Internet pré-WWW. Com base nesses agrupamentos, pessoas físicas e organizações eram capazes de interagir de forma expressiva no que se tornou, literalmente, uma Teia de Alcance Mundial para comunicação individualidade, interativa. (ibidem, p. 439 e 440)

“O preço a pagar por uma participação tão diversa e difundida é deixar que a comunicação espontânea, informal, prospere simultaneamente”, afirma Castells. (ibidem, p.440).

2.1 CONTRAPODER

“Por outro lado, as redações têm hoje menos autonomia de análise. Elas dependem ainda mais, em matéria de política internacional, das versões e das “leituras” propostas pelas autoridades oficiais ou interesses privados”, afirma Ignácio Ramonet. Em outros termos, a função do contrapoder, que deveria ser exercida pelos jornais independentes, foi diminuída. O ponto de vista específico, a maneira de ver particular de cada redação diluiu-se pouco a pouco. Esse intelectual coletivo que chamamos “redação” é igualmente ameaçado de ‘desaparição silenciosa” (RAMONET, 2010: p. 39)

Segundo o jornalista polonês Ryszard Kapuscinski, as novas tecnologias, sobretudo o telefone celular e o e-mail, transformaram radicalmente as relações entre os repórteres e seus chefes. Antes, o enviado de um jornal, o correspondente de uma agência de notícias ou de uma cadeia de televisão dispunha de uma grande liberdade e podia dar livre curso à sua iniciativa pessoal. (KAPUSCINSKI, 1999, apud RAMONET, p. 38)

O correspondente procurava a informação, descobria, verificava, selecionava e lhe dava uma forma. Atualmente e cada vez mais frequentemente, ele é somente um simples peão que seu chefe desloca através do mundo a partir de seu escritório, que pode estar do outro lado do planeta.

Enquanto esse chefe, por sua vez, dispõe, ao seu alcance, de informações provenientes de uma infinidade de fontes (canais de informação contínua, notas de agência, internet e pode assim, ter sua própria apreciação dos fatos, eventualmente muito diferente daquela do repórter que cobre o evento no local), explica Kapuscinski. (KAPUSCINSKI, 1999, apud RAMONET, 2012: p. 38)

Persuadidos de que o objetivo histórico das mídias nas democracias conste em domesticar a sociedade, certos títulos não hesitam em impor a seus leitores uma concepção subjetiva e partidária da informação, com isso esvaziando de sentido o conceito de “imprensa livre” que eles usam como puro argumento ideológico (RAMONET, 2012: p. 50)

Na maior parte das “democracias de opinião”, os jornalistas dominantes formam uma espécie de ‘comparsaria” feita de conivências e de cumplicidades. Trata-se, como o descreveu Serge Halimi, de “um pequeno grupo de jornalistas onipresentes, cujo poder é reforçado pela lei do silêncio, que impõe sua definição da informação-mercadoria a uma profissão cada vez mais fragilizada pelo temor do desemprego.”

Constata-se, nos casos analisados neste artigo (Gadafi e USP) a comparsaria que descreve Ramonet. ‘Em segredo com os políticos, eles constituem uma espécie de corte frívola, mundana, na qual cada um adula o outro, mostrando uma solicitude comovedora na esperança de obter, em retorno, um pedido particular. Eles se convidam uns aos

outros, frequentam as mesmas colônias de férias. E quando acontece de terem de “debater” em público, eles então se entregam a um cerimonial ritualizado, inofensivo e previsível”. (RAMONET, 2012: p. 51)

Essa situação é alarmante a tal ponto que não é falso afirmar que as mídias dominantes colocam atualmente um grave problema para a democracia. Elas não contribuem mais para ampliar o campo democrático, trabalham, ao contrário, para restringi-lo, atacar suas bases e miná-lo. É o que poderemos perceber ao analisar os casos da PM na USP e da morte do Muammar Gaddafi.

Assim, em vez de erigir uma muralha contra essas derivas, as mídias ajudam a desacreditar o “quarto poder”, existente graças ao sentido cívico, das mídias e a coragem dos jornalistas, aquele que dispunham os cidadãos para criticar, rejeitar, contrapor – democraticamente – decisões políticas ou judiciárias certamente legais, mas que podiam revelar-se injustas, ou até criminosas. A imprensa tornava-se assim, como sempre foi dito, a voz dos sem-vozes.

“Nos últimos 20 anos, à medida que se acelerava a globalização neoliberal, o conteúdo deste “Quarto-poder” foi pouco a pouco se esvaziando de seu significado. Ele perdeu sua função essencial de contrapoder”. (RAMONET, 2012: p. 56)

Como resistir à ofensiva deste novo poder que, de alguma maneira, traiu os cidadãos e passou com armas e equipamentos para o lado do “opressor”? Pergunta Ignácio Ramonet. Para logo propor a criação do quinto poder, cuja função seria denunciar o superpoder de alguns grandes grupos midiáticos que, em certas circunstâncias, deixaram de defender os cidadãos e passaram a agir contra eles. O que, segundo ele, se constata, atualmente, em inúmeros países. “Mídia de massa e a globalização estão ligadas. É urgente exigir das grandes mídias que elas permitam aos jornalistas agir em função de sua consciência, e não em função dos interesses dos grupos, das empresas e dos patrões que os empregam”, diz Ramonet. (ibidem, p. 60)

3 MÍDIAS ALTERNATIVAS ONLINE

O presente ensaio é baseado em análise de conteúdo dos blogs *Maria Frô* e *Viomundo* e suas respectivas repercussões nas mídias sociais.

O estudo também analisa o conteúdo divulgado nos jornais Folha de S. Paulo e Estado de S. Paulo no mesmo período - outubro de 2011 a março de 2012, sobre os mesmos fatos disseminados nos blogs *Maria Frô* e *Viomundo*.

O Blog *Maria Frô* (www.mariafro.com.br) foi o primeiro a publicar um texto com a versão dos alunos da USP contrapondo a versão divulgada pela mídia impressa. A historiadora detinha o respeito por parte dos alunos e trouxe para seus leitores um texto diferente do que a mídia tradicional (Folha e Estadão) noticiou.

Maria da Conceição Carneiro Oliveira, autora do Blog *Maria Frô*, é historiadora, educadora, autora de coleções didáticas, que se autodenomina ativista da educação por igualdade étnico-racial, feminista e feminina. Formou-se em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH- USP).

Conceição também é autora do projeto pedagógico da coleção *História em Projetos* e coordenadora da coleção, além de responsável pela manutenção do conteúdo do blog História em Projetos. E vencedora do Prêmio Jabuti em 2005 e 2008 na categoria Didático e Paradidático Ensino Fundamental e Médio pela Coleção História em Projetos, Editora Ática.

O *Viomundo* (<http://www.viomundo.com.br>) é editado por Luiz Carlos Azenha, repórter da Rede Record desde 2008, e se propõe a ser um espaço dos movimentos sociais e de contraponto à mídia tradicional.

A análise de conteúdo tem como objetivo geral contribuir com um material teórico e registro da importância das redes sociais para a disseminação de versões não “oficiais” dos fatos jornalísticos. Assim como apontar exemplos de casos que colocaram em xeque as versões publicadas pela grande imprensa.

3.1 ANÁLISE DO CASO GADDAFI

Um exemplo de conteúdo produzido pelos “prodsumidores” do qual fala Rosental C. Alves, é o vídeo com imagens que mostram o momento da captura do ex-ditador Muamar Gaddafi.

As circunstâncias que rodearam a morte do ditador líbio foram bastante repercutidas nas mídias sociais graças a um post no twitter em 20 de outubro de 2011.

Controverso, o episódio serviu para abalar ainda mais a credibilidade da mídia convencional, pois até então estava sendo divulgada a versão oficial propagada pelos grandes veículos de comunicação. Graças às imagens produzidas por um celular, outra versão dos fatos veio à tona.

O primeiro-ministro do governo de transição afirmou que Gadaffi teria sido vítima de um tiroteio e teria morrido a caminho do hospital.

No entanto, Gaddafi foi assassinado ali mesmo, depois de ser encontrado escondido num cano de drenagem.

O comandante das forças do governo interino da Líbia, El Oweib, assumiu a responsabilidade pela morte do ex-líder. Segundo ele, ao ser arrastado para fora do local onde foi encontrado, Gaddafi deu alguns passos (no vídeo são mais de três minutos de caminhada) e logo foi atacado por um grupo de combatentes furiosos.

O militar declarou que era impossível precisar quem deu o tiro fatal. Ele afirmou que ainda tentou salvar a vida do ex-general, mas ele acabou morrendo na ambulância a caminho do hospital.

Com a divulgação do vídeo, as agências internacionais de notícia rapidamente trataram de divulgar a nova versão.

Até então, a grande imprensa, se apoiava no material produzido pelas agências internacionais. Aqui no Brasil, por exemplo, o portal R7 publicou, em 22 de outubro, a versão transmitida pela BBC Brasil.

A matéria “Militar assume responsabilidade pela morte de Gaddafi” afirmava que em entrevista exclusiva à BBC, Omran el Oweib disse que o Muammar Gaddafi foi arrastado para fora do cano de drenagem onde ele foi encontrado, deu cerca de dez passos e caiu no chão ao ser atacado por um grupo de combatentes furiosos. El Oweib afirmou que era impossível dizer quem deu o tiro fatal no ex-líder líbio. O comandante disse ainda que tentou salvar a vida de Gaddafi, mas que ele morreu na ambulância a caminho do hospital, nos arredores de Sirte.

Já matéria publicada no portal G1, afirmava que os primeiros anúncios informavam que Gaddafi havia sido preso e estava gravemente ferido em ambas as pernas. A France Presse publicou uma foto que seria de Gaddafi logo após a captura, ferido ou morto.

Fontes militares rebeldes confirmaram a veracidade da imagem. Enquanto a TV Al Jazeera divulgou um vídeo do que seria o cadáver de Gaddafi.

"Ele foi morto em um ataque dos combatentes. Há filmagem disso", disse Mahmoud Shammam, ministro da Informação do novo governo.

3.2 ANÁLISE DO CASO DA PM NA USP

No Brasil, um fato colaborou para colocar em evidência o papel das redes sociais e dos blogs: a ocupação da reitoria da USP pelos estudantes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH).

O imbróglio teve início depois que um estudante foi morto no campus da universidade quando os assaltantes tentaram levar seu carro, e, somado a outros incidentes de violência, resultou em um convênio da universidade com a Polícia Militar.

De acordo com matéria publicada no jornal Folha de S. Paulo, em 14 de julho de 2011, a Polícia Militar aumentou sua presença no campus da USP após o assassinato do estudante Felipe Ramos Paiva, 24, morto dentro da universidade, na noite do dia 18 de maio, durante uma tentativa de assalto.

Paiva teria reagido e acertado dois socos em um dos assaltantes, Daniel Sousa, que atirou no estudante. O estudante foi encontrado caído ao lado de seu carro - um Passat preto blindado, que estava com a porta do motorista aberta. Não foi possível socorrê-lo. A partir de então, com o descontentamento dos estudantes com a presença da PM nos campus, iniciou-se a manifestação que repercutiu por vários meses na imprensa brasileira.

O texto “*Você não me quer como aluno da USP*”, escrito por *Cleber Pelizzon*, em nota no *Facebook*, e publicado em 11 de novembro de 2011 no Blog da Maria Frô ampliou o debate sobre a versão divulgada pela mídia tradicional e a versão de diversos segmentos da sociedade a respeito dos acontecimentos e a marginalização dos estudantes diante da opinião pública.

Cleber Pelizzon, estudante da Faculdade de Economia e Administração (FEA) na USP, afirma que não participou da ocupação e no texto diz o seguinte: “...o que os vagabundos fizeram foi justamente trazer a atenção para diversos problemas que enfrentamos atualmente. Com a escolha unilateral do atual reitor, temos o fantasma da ingerência. Com as ações friamente calculadas do atual reitor, que desqualifica os protestos dos estudantes manipulando (ou seria compactuando?) a mídia, trazendo a atenção para a camiseta de marca, para a depredação (que, sabemos todos, não existiu), temos o fantasma da perseguição, da tentativa de tornarmos todos dormentes. Com os gritos de “vagabundo” e “maconheiro”, mergulhamos no abismo do debate raso sobre as drogas em nossa sociedade. Com os gritos de “mimado” e “playboy”, nos perdemos na escuridão que é o debate da segurança pública...”

Outro texto publicado no Facebook e divulgado no site Viomundo que contribuiu para ampliar as versões dos fatos e elucidar os internautas mais atentos foi redigido por *Shayene Metri*, sob o título *Desabafo de quem tava lá [Reintegração de Posse]*,

publicado em 9 de novembro de 2011. Nele, a estudante diz: ...Enquanto os alunos que estavam do lado de fora clamavam para entrar, ouvi de um grupo de repórteres (entre eles, SBT): “Não vamos filmar essas baboseiras dos maconheiros não! O que eles pedem não merece aparecer”. Entre risadas, pra não perder o bom humor. Além dos repórteres que já haviam decidido o que era verdade ou não, noticiável ou não, tinham pessoas misturadas a eles, gritando contra os estudantes, xingando. Eu mesma ouvi muitas e boas como “maconheirazinha”, “raça de merda” e “marginal”

Enquanto isso, a mídia hegemônica denegria a imagem dos estudantes com notícias e colunas de opinião como a publicada pelo jornal *Estado de São Paulo*, em 8 de novembro de 2011, redigida por Pedro Rocha e Ricardo Valota, conforme anexo:

“No final da noite desta segunda-feira, 7, alguns dos estudantes que mantêm a ocupação da reitoria da USP agrediram os profissionais da imprensa que acompanham a invasão do prédio, ocorrida na madrugada do último dia 2.

“Uma pedra foi arremessada contra a câmera do cinegrafista Marcos Vinícius, do SBT, e atingiu de raspão a cabeça de Fábio Fernandes, cinegrafista da TV Record. Ainda no empurra-empurra, o cinegrafista Alexandre Borba, também da TV Record, teve a alça da câmera puxada, causando a queda do equipamento.

O fotógrafo Cristiano Novaes, da agência CPN, foi agredido a chutes e teve a máquina tomada pelos vândalos, que resolveram devolvê-la posteriormente ao repórter fotográfico. A confusão teve início durante uma discussão entre os jornalistas e os invasores do prédio. Um dos alunos abordou a repórter Maria Paula, do SBT, e deu vários tapas contra o microfone da jornalista.

Assim que a poeira abaixou um pouco, um dos estudantes, que se identificou como “Eduardo”, disse que repudiava a atitude dos agressores e que aquilo não representava o posicionamento do movimento em relação à imprensa.

Em nota divulgada no início da madrugada desta terça-feira, 8, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) afirmou que “a presença da PM não garante a segurança na universidade”.

Por sua vez, o jornal *Folha de S. Paulo*, publica, em 8 de novembro, a opinião de Gilberto Diminten, sobre o ocorrido. Sob o título “São apenas delinquentes mimados”, conforme anexo, o artigo diz:

“O que estamos vendo na USP não tem nada de político ou ideológico. É apenas delinquência. Não existe nenhuma causa. Não representa nem remotamente aquela comunidade universitária.

Aquele grupo que invadiu a reitoria imagina-se acima da lei e o ataque físico que fizeram contra os jornalistas apenas reforça a visão de que ali não há valores democráticos. Não respeitaram nem mesmo uma decisão da própria assembleia dos estudantes.

“O que incomoda no caso da PM do campus não é a questão da autonomia universitária - como se um posto policial ferisse a autonomia universitária - mas a vontade de que, naquele espaço, não tenha ordem.”

“São como adolescentes mimados que querem fazer o que bem entendem sem limites.”

“Autonomia universitária é uma coisa. O que eles fazem com o dinheiro do contribuinte, danificando uma propriedade pública, é outra”.

Enquanto o blog de Azenha, *Viomundo* publicou, dia 30 de outubro, texto com a visão de Lincoln Secco sobre o episódio. Destacado a seguir, conforme anexo:

“Não é comum ver livros como armas. Enquanto no dia 27 de outubro de 2011 a imprensa mostrou os alunos da FFLCH da USP como um bando de usuários de drogas em defesa de seus privilégios, nós outros assistimos jovens indignados, mochila nas costas e livros empunhados contra policiais atônitos, armados e sem identificação, num claro gesto de indisciplina perante a lei. Vários alunos gritavam: “Isto aqui é um livro!”.

“Curioso que a geração das redes sociais virtuais apresente esta capacidade radical de usar novos e velhos meios para recusar a violação de nossos direitos. No momento em que o conhecimento mais é ameaçado, os livros velhos de papel, encadernados, carimbados pela nossa biblioteca são erguidos contra o arbítrio”.

“Os policiais que passaram o dia todo da última quinta feira revistando alunos na biblioteca e nos pátios, poderiam ter observado no prédio de História e Geografia vários cartazes gigantes dependurados. Eram palavras de ordem. Algumas vetustas. Outras

“impossíveis”. Muitas indignadas. E várias poéticas... É assim uma universidade.”

Diante do material exposto, é possível perceber a tentativa de deslegitimar a manifestação dos estudantes da USP e denegrir a imagem dos jovens por parte da mídia convencional, enquanto os blogs *Maria Frô* e *Vi o mundo* apresentam o contraponto para a opinião pública.

Considerações finais

O consumidor de informações deixou de ser passivo. Ele não se contenta mais em receber notícias preparadas e embaladas por outros. Ele quer também produzir conteúdos”. Orientamo-nos em direção de uma sociedade de prosumer, quer dizer, de “prodsumidores” (produtores- consumidores).

Um exemplo de conteúdo produzido pelos “prodsumidores” do qual fala Rosental C. Alves, é o vídeo com imagens que mostram o momento da captura do ex-ditador Muamar Gaddafi.

As circunstâncias que rodearam a morte do ditador líbio foi bastante repercutida nas mídias sociais graças a um post no twitter em 20 de outubro de 2011.

Controverso, o episódio serviu para abalar ainda mais a credibilidade da mídia convencional, pois até então estava sendo divulgada a versão oficial propagada pelos grandes veículos de comunicação. Graças às imagens produzidas por um celular, outra versão dos fatos veio à tona.

O primeiro-ministro do governo de transição afirmou que Gadaffi teria sido vítima de um tiroteio e teria morrido a caminho do hospital. No entanto, Gaddafi foi assassinado ali mesmo, depois de ser encontrado escondido num cano de drenagem.

Diante do descrédito que a grande mídia vem obtendo ao longo de cada ano, fatos como o citado acima reforça a queda do quarto poder anunciado por Ignácio Ramonet, em seu livro “A explosão do jornalismo – das mídias de massa às massas de mídia.

No Brasil, um fato colaborou para colocar em evidência o papel das redes sociais e dos blogs: a ocupação da reitoria da USP pelos estudantes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH).

O imbróglio teve início depois que um estudante foi morto no campus da universidade quando os assaltantes tentaram levar seu carro, e, somado a outros incidentes de violência, resultou em um convênio da universidade com a Polícia Militar.

Ambos os casos mostram que os blogs e as redes sociais têm sido usados cada vez mais para disseminar a produção de usuários amadores, concorrendo com a produção dos profissionais das redações, colaborando para a apresentação de variadas versões dos fatos e multiplicidade de opiniões sobre eles.

A existência de alternativas à mídia tradicional como os blogs da *Maria Frô* e *Viomundo* trazem à luz outras perspectivas e pontos de vistas, contribuindo para ampliar

a compreensão dos fatos por meio de uma análise mais rigorosa e abrangente, causando impactos na produção jornalística tradicional.

Por sua vez, as redes sociais têm mostrado uma nova maneira de pensar e fazer jornalismo. Hoje, não é preciso buscar uma informação, ela chega até mim por meio dos compartilhamentos e as “curtidas” dos usuários das redes sociais.

Com apenas um curtir ou compartilhar é possível estender o alcance de notícias que estariam fadadas a invisibilidade se não fossem as ferramentas das novas mídias.

Graças a estas ferramentas, hoje, é possível que o usuário obtenha com mais facilidade acesso a meios alternativos de informação e várias versões sobre um mesmo fato.

Redes sociais como o Twitter conseguem dar visibilidade a assuntos que passam a ter destaque quando chegam, por exemplo, aos Trending Topics (TTs) – temas mais comentados do microblog, já que, para alguns temas chegarem aos TTs é preciso muita mobilização e se exige um grande esforço, pondera Gabriela Zago, doutoranda em Comunicação e Informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisadora na área de cibercultura.

O Facebook já possui mais de 45 milhões de usuários ativos só no Brasil, sendo que metade acessa diariamente via dispositivos móveis. Ainda, são mais de 2 bilhões de informações compartilhadas e publicadas em um único dia, além das fotos, que chegam a 250 milhões de novas imagens por dia.

O Brasil superou o Japão e se tornou o segundo país com maior número de usuários no Twitter. De acordo com um relatório da empresa SemioCast, a rede de microblog conta, atualmente, com 33,3 milhões de usuários brasileiros contra 29,9 milhões de japoneses. Os Estados Unidos aparecem na primeira colocação, com 107,7 milhões de usuários.

Os compartilhamentos das redes sociais proporcionam maior visibilidade e maior alcance do conteúdo produzido por blogs alternativos como o *Maria Frô* e *Viomundo*, exemplos de prodsumidores” do qual fala Rosental C. Alves.

O vídeo com imagens da morte de Muamar Gaddafi ilustra o alcance obtido pelas redes sociais com o compartilhamento de seu conteúdo, impactando no tratamento dado à notícia pela mídia hegemônica.

Teriam os blogs Maria Frô e Viomundo, assim como as redes sociais o papel de um “quinto-poder”, proposto por Ramonet?, cuja função seria denunciar o superpoder de alguns grandes grupos midiáticos que, em certas circunstâncias, deixaram de defender os cidadãos e passaram a agir contra eles.

Para Antonio Gramsci, não se deve ficar confuso com a multiplicidade de críticas: a multiplicidade de críticas, pelo contrário, é a prova de que se está no bom caminho: quando, ao invés, for um só o motivo da crítica, então deve-se refletir: 1) porque pode se tratar de uma deficiência real; 2) porque pode se estar enganado a respeito da "mídia" dos leitores aos quais se destina a publicação e, portanto, pode se estar trabalhando para o vazio, "para a eternidade". (GRAMSCI, 1982: p. 180)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S/A, 1982.

MARTIN-BARBEIRO, Jesus. *Dos meios as mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 2009.

RAMONET, Ignácio. *A explosão do jornalismo - da mídia de massas à massa de mídias*. Rio de Janeiro: Publisher, 2012.

SADER, Emir. *Gramsci - Poder, política e partido*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SILVEIRA, Sergio Amadeu. *Cidadania e rede digital*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil: Maracá – Educação e Tecnologias, 2010.

WEBGRAFIA

ANGELIM, Claudio. *O final cruel de Muamar Gaddafi* - 2011. Disponível em <<http://www.claudioangelim.com/2011/10/imagens-mostram-o-momento-da-captura-de.html>>.

Acesso em: 28.10.2012

BBC BRASIL. *Militar assume responsabilidade pela morte de Gaddafi* - 2011. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/internacional/noticias/militar-assume-responsabilidade-pela-morte-de-gaddafi-20111022.html>>. Acesso em: 28.10.2012

COIMBRA, Pedro. *Devaneios a oriente – onde se cultiva um saudável desrespeito pelas questões mais sensíveis* - 2011. Disponível em: <<http://devaneiosaoorient.blogspot.com.br/2011/10/as-duas-noticias-que-estao-abalar-o.html>>.

Acesso em: 28.10.2012

DIMENSTEIN, Gilberto. *São apenas delinquentes mimados* – 2011. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/gilbertodimenstein/1003264-sao-apenas-delinquentes-mimados.shtml>>. Acesso em 28.10.2012

ESTADO DE SÃO PAULO. *Ao vivo: a captura e a morte de Muammar Kadafi* – 2011. Disponível em <<http://blogs.estadao.com.br/radar-global/ao-vivo-as-informacoes-sobre-a-captura-e-morte-de-muamar-kadafi/>>. Acesso em 28.10.2012

G1, com agências internacionais. *Muammar Kadafi foi morto em ataque, diz governo da Líbia* – 2011. Disponível em <<http://g1.globo.com/revolta-arabe/noticia/2011/10/muammar-kadhafi-foi-morto-em-ataque-diz-novo-governo-da-libia.html>>. Acesso em 28.10.2012

LEMES, Conceição. *Estudantes, professores e trabalhadores da USP rebatem boletim da reitoria* - 2011. Disponível em: <<http://www.viomundo.com.br/voce-escreve/estudantes-professores-e-trabalhadores-da-usp-rebatem-boletim-da-reitoria.html>>. Acesso em 28.10.2012

OLIVEIRA, Maria da Conceição Carneiro. *Ricardo Boechat responde a seus ouvintes conservadores sobre a questão USP* - 2011. Disponível em: <<http://mariafro.com/2011/11/16/ricardo-boechat-responde-a-seus-ouvintes-conservadores-sobre-a-questao-usp/>>. Acesso em 28.10.2012

OLIVEIRA, Maria da Conceição Carneiro. *Quem vocês querem como alunos da USP* - 2011. Disponível em: <<http://mariafro.com/2011/11/13/quem-voce-deveriam-querer-como-alunos-da-usp/>>. Acesso em: 28.10.2012

OLIVEIRA, Maria da Conceição Carneiro. *Jornalista do Jornal do Campus da a sua visão da reintegração de posse* - 2011. Disponível em: <<http://mariafro.com/2011/11/09/jornalista-do-jornal-do-campus-da-a-sua-visao-da-reintegracao-de-posse/>>. Acesso em: 28.10.2012

OLIVEIRA, Maria da Conceição Carneiro. *A gente não quer a polícia fora do campus a gente quer a polícia fora do mundo* - 2011. Disponível em: <<http://mariafro.com/2011/11/06/a-gente-nao-quer-a-policia-fora-do-campus-a-gente-quer-a-policia-fora-do-mundo/>>. Acesso em 28.10.2012

OLIVEIRA, Maria da Conceição Carneiro. *Professor Luiz Renato: o maior agressor e o reitor da USP: agente da repressão* - 2011. Disponível em: <<http://mariafro.com/2011/11/06/professor-luiz-renato-o-maior-agressor-e-o-reitor-da-usp-agente-da-repressao/>>. Acesso em 28.10.2012

OLIVEIRA, Maria da Conceição Carneiro. *Não há justificativa para a barbárie ocorrida na USP* - 2011. Disponível em: <<http://mariafro.com/2009/06/10/nao-ha-justificativa-para-a-barbarie-ocorrida-ontem-na-usp/>>. Acesso em: 28.10.2012

PICHONELLI, Matheus. *Ocupação patética, reação tenebrosa* – 2011. Disponível em <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/ocupacao-patetica-reacao-tenebrosa/>>. Acesso em 28.10.2012

ROCHA, Pedro; VALOTA, Ricardo. *Imprensa é agredida por invasores de reitoria na USP* – 2011. Disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,imprensa-e-agredida-por-invasores-de-reitoria-na-usp,795822,0.htm>>. Acesso em 28.10.2012

SECCO, Lincon. *Lincoln Secco: a USP deve ter autonomia sim* – 2011. Disponível em: <<http://www.viomundo.com.br/politica/lincoln-secco-a-usp-deve-ter-autonomia-sim.html>>. Acesso em: 28.10.2012

SINTUSP. *PM na USP: Reitoria afirma que funcionários concordaram. Eles negam* – 2011. Disponível em: <<http://www.viomundo.com.br/denuncias/pm-na-usp-reitoria-afirma-que-funcionarios-concordaram-eles-negam.html>>. Acesso em: 28.10.2012

TEIXEIRA, Jussara. *Kadafi morto: últimos momentos* - 2011. Disponível em:
<<http://portugues.christianpost.com/news/kadafi-morto-ultimos-momentos-video-3259/>>.

Acesso em: 28-10-2012